

Filosofia

162

Ciência&Vida

ANO XIV • www.escala.com.br

CIÊNCIA COM URGÊNCIA

ENQUANTO A
PRÁTICA CIENTÍFICA
VIVE PROFUNDA
MUDANÇA, A COVID-19
ABRIU UM DEBATE
EPISTEMOLÓGICO:
TERIA O MÉTODO
CIENTÍFICO CHEGADO
AO SEU FIM?

O ESPECTRO DO POPULISMO

A RELAÇÃO ENTRE ESSA PRÁTICA E UM
SISTEMA POLÍTICO CUJOS CANAIS FALHAM
EM DAR VOZ ÀS MAZELAS DO POVO

DESTERRITÓRIO DA SENSÇÃO

NÃO IMPORTA SE É INCÔMODO OU DOLOROSO
O SENTIR; IMPORTA QUE NOS FAÇA SENTIR
OS DIVERSOS ASPECTOS DA VIDA E VIVOS

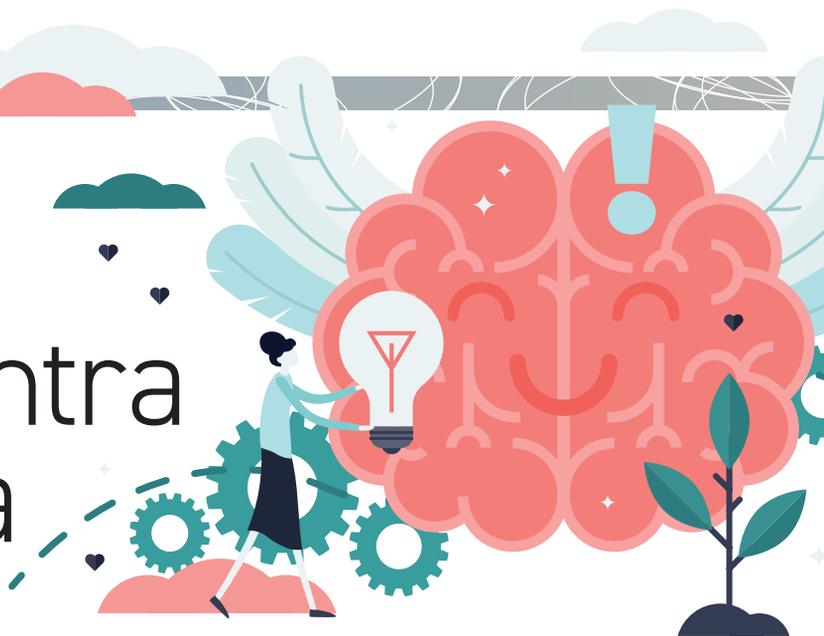
PARA O PROFESSOR

DELEUZE E PAULO FREIRE CONFEREM AOS EDUCADORES A DIMENSÃO DE SUAS TEMPORALIDADES


EDITORIAL
escala

EDIÇÃO 162 - PREÇO R\$ 20,00
ISSN 1809-0238
0.01.16.2
9 771809 230051

Filosofia, contra a tacanharria



POR **ADRIANO CORREIA**

A filosofia está vinculada ao ensino e à formação desde seu surgimento, há mais de 25 séculos. Embora a conexão entre filosofia e ensino não seja necessária, a maior parte dos filósofos ou fundou escolas, fez parte das já existentes ou foi professor. A filosofia esteve no centro da concepção humanista da formação, em cuja base está a compreensão de que os bens culturais do passado possuem uma dignidade própria e de que, por princípio, vale a pena preparar-se para acessá-los (estudando grego ou latim, por exemplo). Mais recentemente, a filosofia esteve também diretamente vinculada ao projeto do esclarecimento e de sua escola pública universal, que compreendia que era indispensável ao progresso da humanidade a emancipação da tutela das tradições e o pensar por conta própria. Essas concepções de formação envolvem grande preparação e o cultivo de algumas capacidades: a de apresentar argumentos em defesa da própria posição; a de figurar na imaginação os pontos de vista dos interlocutores, tanto dos opositores quanto dos que pensam de modo semelhante, e mesmo reconstruir sua argumentação; a de reconhecer uma refutação fundada em bons argumentos e de reformular a própria posição etc.

A importância da filosofia para a formação não constitui um dogma inquestionado, não sendo raros os casos de conflito dos filósofos com os poderes instituídos. Kant foi submetido à censura em sua velhice, tendo sido proibido de escrever sobre religião. Sócrates foi obrigado a tomar cicuta, por supostamente corromper a juventude; Platão foi

perseguido pelo tirano de Siracusa, e teria sido até vendido como escravo; mesmo Aristóteles teve de fugir de Atenas no fim da vida para, em suas palavras, "não permitir que os atenienses pecassem duas vezes contra a filosofia".

Não quero dizer que os filósofos teriam sempre razão nesses conflitos, mas antes que a vida dedicada ao pensamento está quase sempre fora de lugar, como o próprio pensamento, se considerarmos as demandas da vida cotidiana. Os ataques que a filosofia vem sofrendo no Brasil nos últimos anos não representam, portanto, uma novidade na história das relações da filosofia com o poder, notadamente com governantes autoritários. Para compreender este protagonismo às avessas da filosofia, precisamos da filosofia, claro.

Os ataques partem de personagens obscuros, tacanhos, movidos por um profundo ressentimento com o que não são capazes de compreender. Para estes, parece ser uma afronta a mera existência de pessoas que buscam compreender os problemas em profundidade, que refletem criticamente sobre as crenças e convicções, que são implacáveis com a manipulação grosseira e com mentiras deliberadas, e sabem muito bem evidenciar um discurso falacioso. Atacam a filosofia porque ela, em sua rica pluralidade e em seu amor pelo conhecimento, é seu antagonista mais óbvio – atacam porque a temem, e talvez superestimem seu poder em nossa era de distração e de lacração.

Mas há outro tipo mais insidioso da tacanhez que vem colonizando a concepção de formação – muito frequentemente



“Os ataques que a filosofia vem sofrendo no Brasil nos últimos anos não representam, portanto, uma novidade na história das relações da filosofia com o poder, notadamente com governantes autoritários”

em associação com a tacanhez autoritária. A filósofa Martha Nussbaum, em sua obra recente intitulada *Sem fins lucrativos: porque a democracia precisa das humanidades* (Martins Fontes, 2015), fala da crise que se abate sobre a educação como uma espécie de câncer, devido a sua colonização pelo discurso econômico. Para ela, a busca por tornar a educação uma ferramenta para o lucro nacional parece indicar que as nações estão prestes a produzir gerações de máquinas úteis, em vez de cidadãos capazes de pensar por si mesmos, de criticar as tradições e de compreender as realizações e sofrimentos que não os próprios.

A democracia estaria em risco, sustenta a autora, precisamente porque tem declinado a nossa capacidade de imaginar as posições dos outros e ao mesmo tempo de respeitá-los e nos preocuparmos com eles, tratando-os como seres humanos, e não como simples objetos. Para ela, o problema não é o indispensável ensino técnico ou profissional, mas o falso antagonismo que leva a supor que ele seja incompatível com as capacidades que estão associadas às humanidades e às artes, como a de pensar criticamente, de pensar com uma perspectiva abrangente a complexidade do nosso mundo e de imaginar com interesse os padecimentos das outras pessoas. Não se trata de defender, ela insiste, que a educação esteja voltada estritamente para a cidadania, mas antes que prepare também para uma profissão e, mais importante ainda, para a concepção de vidas significativas. Ainda que em direção distinta da de Nussbaum – que parece supor ser possível conciliar uma educação para o lucro ou para o crescimento econômico com uma educação para a cidadania democrática –, Christian Laval, em sua obra *A escola não é uma empresa* (Boitempo, 2019), explora as implicações educacionais e políticas da colonização da escola pela teoria do capital humano, de que tratamos rapidamente na última coluna. Em uma sociedade de empreendedores, a formação é inteiramente colonizada pela lógica empresarial, que não admite distração do “foco” por demandas culturais e de cidadania.

Na obra *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (Boitempo, 2016), temos um sumário da nova subjetividade a ser forjada sistematicamente no indivíduo e pelo indivíduo, em um trabalho interior constante: “ele deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível, mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado. Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal. Foi Margaret Thatcher quem deu a formulação mais clara dessa racionalidade: a economia é o método. O objetivo é mudar a alma” (p. 330-331).

Certamente a filosofia e seu ensino não combinam com tais antolhos e possuem a notável impertinência de não deixar inquestionada uma vida com “foco”. Para suas operações críticas é necessário, como observa Kant, treinar a imaginação para sair em visita a perspectivas outras. É indispensável cultivar uma mentalidade alargada, para que sejamos mais que conformistas vazios de perspectivas, inteiramente ajustados à sujeição, e sejamos capazes de renovar o mundo com nossa singularidade. Sem imaginação política – para a qual a formação em filosofia e nas outras áreas das humanidades contribui de modo decisivo – não é possível constituir o comum, que é o exato avesso da vida aspirada pela tacanhez articulada na confluência dos autoritarismos da ignorância ressentida e do economicismo ciclópico. 🌿



ADRIANO CORREIA é professor de Filosofia da Universidade Federal de Goiás e presidente da Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia (ANPOF).

FILOSOFIA E RELIGIÃO HOJE

Agnaldo Cuoco Portugal, líder do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UnB, explica por que ainda é importante refletir sobre a relação entre essas duas áreas

COLABORAÇÃO DA ANPOF
POR **FRANCIELE PETRY** E
NÁDIA JUNQUEIRA RIBEIRO



As reflexões sobre a religião na filosofia ocidental são muitas. E elas contemplam tanto abordagens negativas, conhecidas pela crítica ética e epistemológica, como positivas. Atualmente, busca-se valorizar a experiência religiosa ou mística como elemento autêntico dessa prática humana, bem como resgatar a aceitabilidade da religião do ponto de vista epistemológico. É o que nos explica o professor Agnaldo Cuoco Portugal, líder do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UnB (Universidade de Brasília), que ainda esclarece a relação entre filosofia e religião, além de apontar as distinções entre religião, ciência e teologia, destacando a importância de cada uma dessas áreas.

Portugal chama a atenção para a relevância da religião em se ocupar de temas como o sentido da vida e os valores morais, mas lembra que a psicologia e a filosofia, por exemplo, são alternativas seculares para a reflexão desses mesmos temas. O professor da UnB também comenta a separação entre Igreja e Estado, e do dever de um Estado democrático não se impor como um projeto cultural, mas oferecer meios para que os cidadãos realizem seus projetos. Para ele, o crescimento do cristianismo se relaciona ao cuidado com os mais excluídos e, caso as comunidades religiosas dessem continuidade a essa estratégia, teriam uma significativa contribuição a dar ao mundo de hoje. Confira a seguir a entrevista exclusiva que ele nos concedeu:

A relação entre a filosofia e a religião é marcada por momentos distintos em que ora prevaleceu a proximidade, ora houve a separação entre elas. Como se deu isso?

Penso que um bom ponto de partida é entendermos a filosofia como uma área de conhecimento que busca melhor entender os conceitos mais gerais e que, hoje, reconhecemos como tendo seus modelos fundadores na Grécia Antiga, e a religião como uma atividade humana de relacionamento com uma realidade sumamente importante ou transcendente. Assim, uma primeira coisa a se notar é a enorme presença da reflexão sobre religião na filosofia ocidental. Trata-se de um tema

que já teve diversas abordagens ao longo da história, e desde sempre ele tem sido tratado. A famosa crítica do pré-socrático Xenófanes de Cólofon ao antropomorfismo da religião de seu tempo e sua defesa da concepção de um “verdadeiro Deus” mostram dois aspectos muito presentes. A filosofia submete tudo o que existe ao olhar crítico, e a religião é apenas mais um aspecto daquilo que a crítica filosófica quer abranger. No entanto, esse olhar crítico não se restringe a apontar defeitos, mas, também, a encontrar fundamentos mais profundos, razões mais autênticas que dariam sentido à atividade religiosa.

Pode comentar como isso se deu ao longo da história?

O que temos ao longo da história da filosofia é que essa atitude crítica às vezes enfatizou mais o aspecto negativo – da objeção, da rejeição – e às vezes o lado mais positivo – de busca das bases conceituais que davam significado ao que os seres humanos fazem na religião. Os chamados período antigo e medieval da filosofia no ocidente tenderam a considerar a religião de um modo mais positivo, vendo na relação humana com o transcendente elementos que a filosofia pode ajudar a entender melhor e que, exatamente por isso, foram matéria importante para o desenvolvimento do pensamento filosófico. A partir do século XVII e especialmente do século XVIII, a atitude predominante na filosofia em relação à religião parece ser a de apontar os defeitos. Penso que não é incorreto dizer que a maioria dos autores mais destacados do período são críticos da religião nesse sentido mais negativo. A lista não é difícil de formular: Espinoza, Hume, Enciclopedistas Franceses, Rousseau, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Freud, Russell, Círculo de Viena são alguns dos principais autores ou correntes de pensamento que foram nessa direção. Mas mesmo nessa lista há também tentativas de reconstruir

a religião em outros termos, mais aceitáveis filosoficamente, segundo os pressupostos que cada um deles compreendia. Basicamente, a religião é criticada do ponto de vista epistemológico, quanto à justificação de suas crenças, e do ponto de vista ético-político, quanto ao seu papel em relação ao desejo de emancipação e liberdade humana.

Considerando os estudos contemporâneos, como essa relação é compreendida atualmente?

Embora possamos dizer que a perspectiva contemporânea sobre a religião seja predominantemente negativa, temos também abordagens importantes que vão no sentido de enfatizar seu lado positivo. Dois exemplos importantes de correntes nessa direção são a que valoriza a experiência religiosa ou mística como o elemento autêntico dessa atividade humana (expresso em autores como Kierkegaard, William James, Wittgenstein, Rudolf Otto, Mircea Eliade) e a que tenta resgatar a aceitabilidade da religião do ponto de vista epistemológico (vários autores da filosofia analítica da religião do final do século XX para cá, ainda pouco conhecidos no Brasil, como Richard Swinburne, Alvin Plantinga, William Alston, entre outros).

No contexto dessa discussão, onde se localiza a teologia?

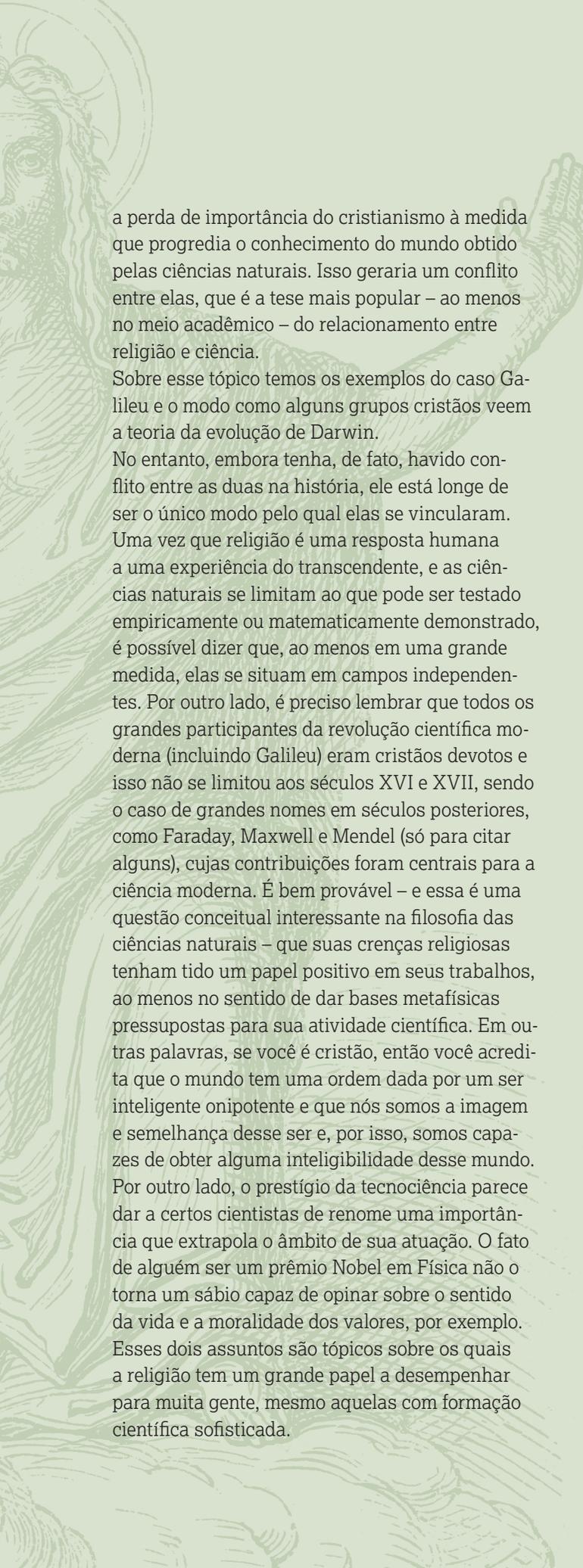
Penso ser razoável entendê-la como uma reconstrução racional da experiência humana do transcendente. As pessoas vivem a religiosidade, a teologia tenta colocar isso em conceitos, estudar mais profundamente os escritos, explicitar mais claramente os critérios de ação que decorrem dessa experiência. Nesse sentido de reconstrução racional, há uma grande proximidade entre a teologia e a filosofia, embora a primeira, como área do conhecimento, tenha também interfaces importantes com outras áreas, como a hermenêutica, a arqueologia e a linguística. Por outro lado, enquanto a teologia está ligada a uma comunidade que partilha uma experiência comum do divino, a filosofia tem uma pretensão universal. Além disso, enquanto a teologia pressupõe uma revelação dada na experiência do divino e essa é um ponto de

partida em sua argumentação, a filosofia vai “por onde a razão, como uma brisa, nos levar”, como disse Platão na República (394d). Uma maneira de dizer isso talvez seja que, enquanto a teologia começa com uma resposta, a filosofia começa com uma pergunta (ou várias). Assim, é interessante notar que mesmo os autores que rejeitam a religião estão fazendo filosofia da religião, embora nem sempre aceitem o que diz a teologia. Mas como quem pergunta quer uma resposta, é frequente na história da filosofia encontrar na teologia respostas para questões filosóficas.

“SE ENTENDERMOS A TECNOCIÊNCIA MODERNA COMO UMA ATIVIDADE QUE SE DESENVOLVE DENTRO DO MÉTODO DE TESTE EMPÍRICO DE HIPÓTESES, O CONHECIMENTO QUE ELA PODERÁ DESENVOLVER É SOBRE AQUILO QUE ESTÁ NO ÂMBITO DA EXPERIÊNCIA”

Em um tempo marcado pelo avanço tecnológico e por conquistas científicas, ainda há espaço para a religião?

A tecnociência moderna é, sem dúvida, uma contribuição marcante da modernidade e tem um papel central em nossa vida. Ela é ao mesmo tempo um conhecimento sobre o mundo natural, com base em um método que critica as teses em vista de evidências empíricas, e um modo de intervir nesse mundo, permitindo um aumento de nosso poder de resolução de problemas. O poder que ela traz e o conhecimento que está por trás dela dão à tecnociência um enorme prestígio. Este é visto por alguns pensadores como tendo sido conquistado da fatia que cabia à religião. Como a tecnociência moderna surge na Europa, onde a religião predominante (ainda) é a cristã, a relação entre as duas foi vista como



a perda de importância do cristianismo à medida que progredia o conhecimento do mundo obtido pelas ciências naturais. Isso geraria um conflito entre elas, que é a tese mais popular – ao menos no meio acadêmico – do relacionamento entre religião e ciência.

Sobre esse tópico temos os exemplos do caso Galileu e o modo como alguns grupos cristãos veem a teoria da evolução de Darwin.

No entanto, embora tenha, de fato, havido conflito entre as duas na história, ele está longe de ser o único modo pelo qual elas se vincularam. Uma vez que religião é uma resposta humana a uma experiência do transcendente, e as ciências naturais se limitam ao que pode ser testado empiricamente ou matematicamente demonstrado, é possível dizer que, ao menos em uma grande medida, elas se situam em campos independentes. Por outro lado, é preciso lembrar que todos os grandes participantes da revolução científica moderna (incluindo Galileu) eram cristãos devotos e isso não se limitou aos séculos XVI e XVII, sendo o caso de grandes nomes em séculos posteriores, como Faraday, Maxwell e Mendel (só para citar alguns), cujas contribuições foram centrais para a ciência moderna. É bem provável – e essa é uma questão conceitual interessante na filosofia das ciências naturais – que suas crenças religiosas tenham tido um papel positivo em seus trabalhos, ao menos no sentido de dar bases metafísicas pressupostas para sua atividade científica. Em outras palavras, se você é cristão, então você acredita que o mundo tem uma ordem dada por um ser inteligente onipotente e que nós somos a imagem e semelhança desse ser e, por isso, somos capazes de obter alguma inteligibilidade desse mundo. Por outro lado, o prestígio da tecnociência parece dar a certos cientistas de renome uma importância que extrapola o âmbito de sua atuação. O fato de alguém ser um prêmio Nobel em Física não o torna um sábio capaz de opinar sobre o sentido da vida e a moralidade dos valores, por exemplo. Esses dois assuntos são tópicos sobre os quais a religião tem um grande papel a desempenhar para muita gente, mesmo aquelas com formação científica sofisticada.

Qual seria o limite das respostas oferecidas pela religião, considerando as explicações científicas existentes e aceitas como verdadeiras?

Se entendermos a tecnociência moderna como uma atividade que se desenvolve dentro do método de teste empírico de hipóteses, o conhecimento que ela poderá desenvolver é sobre aquilo que está no âmbito da experiência. O que significa essa experiência é um interessante tema de debate na filosofia da ciência. Há um componente de intersubjetividade, expresso no fato de que a tecnociência moderna é uma atividade desenvolvida coletivamente, de modo que o teste de hipóteses deve, em princípio, ser realizado por outras equipes de pesquisa. Há o fato de que essa experiência é fortemente mediada por construtos experimentais, modelos matemáticos e instrumentos de medição. E há uma significativa dependência dessa experiência de estruturas conceituais que o cientista deve aprender por anos, antes de realizar essa atividade. Em outras palavras, o conhecimento que a tecnociência nos dá sobre o mundo é limitado por todas essas mediações e conceitos prévios. Sem essa autolimitação imposta pelo método científico, esse saber não avança, não se aprofunda.

Para alguns, esse deve ser o modelo para tudo que pretendemos entender como conhecimento...

Sim. Isso significa que apenas o que as ciências estudam e conhecem com seus aparatos e modelos é o que existe realmente. Essa tese é normalmente conhecida como naturalismo metafísico, pelo fato de que ela pretende restringir à natureza pesquisável pelas ciências a totalidade da realidade. Se o naturalismo metafísico está correto, não há espaço para a religião que postula haver uma realidade espiritual que não se reduz à realidade física; não há espaço para aquilo do qual as religiões dizem ter experiência. Mas se o naturalismo metafísico não for verdadeiro (e há quem diga que ele é até autocontraditório, pois não é uma tese científica e parece dizer que apenas teses científicas podem ser verdadeiras), então haveria espaço para a religião postular tipos de realidade para

além da experiência comum e científica. Porém, ainda assim, mesmo os temas como o sentido da vida, o enriquecimento espiritual e os valores morais não são hoje exclusividade das religiões tradicionais. A psicologia e a própria filosofia apresentam alternativas não religiosas ou seculares para eles.

Como a religião pode contribuir com as questões éticas e políticas enfrentadas pela sociedade contemporânea?

O cristianismo se apresenta como uma religião na qual a concepção do divino pressuposta e o caminho de salvação proposto têm um forte componente ético no mandamento de amor ao próximo, que deve ser manifestado de modo concreto no acolhimento e cuidado daquele que está sofrendo. Para os cristãos, o fundamento dessa atitude é o amor a Deus, que é visto como Amor no grau extremo. Entendido dessa maneira, o cristianismo deveria ser incompatível com a violência e a intolerância; e é assim que muitas correntes nessa religião o veem. No entanto, ao longo da história e mesmo atualmente, há correntes cristãs que valorizam outros elementos, como a doutrina teológica e o pertencimento à comunidade cristã como fatores mais importantes, e esse tipo de ênfase pode levar à violência e à intolerância. Por outro lado, é notável a rede de proteção social aos mais vulneráveis constituída pelas comunidades cristãs, inclusive das igrejas mais problemáticas do ponto de vista da tolerância e do diálogo com outras religiões. Se é verdade que vivemos em uma sociedade baseada na exclusão dos menos relevantes economicamente, parece ser ainda muito valioso o trabalho de comunidades religiosas que se dedicam exatamente a esses excluídos. Historicamente, parece ter sido esse um fator importante para o crescimento do cristianismo em seus primeiros tempos. Se ele não esquecesse sua origem e desse continuidade a essa atitude, teria ainda uma significativa contribuição a dar para o mundo de hoje.

“EM UMA DEMOCRACIA, ISSO SIGNIFICA QUE O ESTADO NÃO PODE DISCRIMINAR ALGUÉM POR CAUSA DE SUA CRENÇA (OU DESCRENÇA) RELIGIOSA. ELE DEVE GARANTIR A LIBERDADE DE CULTO, DESDE QUE A ORDEM PÚBLICA NÃO SEJA AMEAÇADA”

Uma das características da política moderna ocidental é o secularismo entendido como a separação entre o poder do Estado e a religião.

Como avalia essa relação?

Essa é uma questão política muito importante, que diz respeito ao princípio da laicidade do Estado. Em uma democracia, isso significa que o Estado não pode discriminar alguém por causa de sua crença (ou descrença) religiosa. Ele deve garantir a liberdade de culto, desde que a ordem pública não seja ameaçada. Isso significa que uma democracia não é compatível com um Estado teocrático, se por isso entendermos um regime que exclui e trata de modo diferenciado os membros desta ou daquela religião. Por outro lado, numa democracia, nenhum grupo pacífico pode ser excluído do debate público e isso inclui os grupos religiosos. Isso significa que Estado laico não significa estado secularista, ou seja, um regime político que imponha uma visão de mundo na qual não haja lugar para ideias e práticas religiosas. Um Estado democrático não impõe um projeto cultural, mas sim oferece meios para que os cidadãos e os grupos que compõem a sociedade realizem seus projetos. Isso levanta muitas questões interessantes em filosofia política, certamente. Mas algo peculiar da filosofia da religião é a riqueza de interfaces que ela tem com outras áreas da filosofia. 🌱

Franciele Petry é professora da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e diretora de Comunicação da Anpof.

Nádia Junqueira Ribeiro é doutoranda em Filosofia na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e jornalista da Anpof.

Crítico N

POR **ÉRICO ANDRADE**

Na escuridão. É assim que se sentem trabalhadoras e trabalhadores em uma época na qual o sindicato vira foto de álbum: passado. Por isso, o filme *Você não estava aqui* se inicia com um diálogo em que as personagens não aparecem. Apenas a escuridão toma a tela e já prenuncia a falta de norte na vida da família Turner quando apenas escutamos as frases que compõem a cena de um só desespero. Tão contemporâneo quanto verdadeiro, a película, cuja tradução livre do título original é *Desculpa, não te encontramos*, acena para um tempo em que a fantasia do empreendimento de si deteriora todo o nosso tecido afetivo.

Desta vez o diretor Ken Loach aposta na corrosão das relações familiares que o capitalismo promove quando rouba das pessoas o tempo de convívio em nome, no máximo, de um jantar diferente (indiano) ou de uma casa um pouco mais confortável. O coração de papel presente dentro da *van* branca de Ricky e, igualmente, no armário da cozinha da sua família não é mais enquadrado na cena do primeiro grande conflito no seio da família. Com a sua ausência se anuncia a derrocada que, com passos acelerados, se desenha. Tragédia.

Com os papéis de gênero construídos socialmente e que ainda persistem, *Você não estava aqui* consegue mostrar a aspereza da vida das pessoas que vivem para servir. Abby cumpre uma dupla jornada de trabalho. Quando está em casa, a mãe da família se ocupa em dobrar as roupas, saber onde está o cereal e os alimentos de modo geral, dormir com a filha e, quando não está, busca resolver tudo por meio de celular, como na cena em que precisa deixar as coisa organizadas para participar de uma reunião na escola do filho mais velho.

O seu trabalho também consiste em cuidar de pessoas em vulnerabilidade. No entanto, o que o filme mostra é que, longe de ser uma tarefa que lhe é facultada, o cuidado é uma obrigação, ligada socialmente ao gênero feminino. Obrigação que se perpetua na sua filha, que tenta cuidar do irmão e, claro, ao contrário dele, não pergunta onde estão as coisas da casa.

O masculino também é meticulosamente construído em conformidade com o que socialmente se reservou aos homens.

Ser provedores da família e nunca mostrar as suas fragilidades. Não é à toa que Ricky nunca diz que está com problemas ou mal. Trata-se da masculinidade que o capitalismo cativa com apreço porque produz homens assujeitados à exploração por acreditarem ser fortes, mais fortes do que os outros com os quais competem, e capazes fantasmaticamente de ser empreendedores de si mesmos.

A masculinidade que, por reprimir a fadiga e as emoções, deixa que elas escapem na forma da violência, como na cena em que Ricky praticamente agride um dos seus clientes porque, em vez de chorar, a exemplo do que fez Abby em várias cenas, ele segue a lógica masculina tóxica de canalizar o sofrimento para a violência. Homens que não choram são perfeitos para um sistema em que a performance de sucesso só pode ser atingida com a abnegação de si mesmo. Assim, a tradução um pouco diferente do título do filme, que sugeri no início da minha crítica, revela que os desencontros que o capitalismo contemporâneo produz não são acidentais. O capitalismo se apoia em estruturas de gênero já existentes para tornar aguda a exploração. Se, por um lado, as mulheres são obrigadas a cumprir uma dupla jornada de trabalho, os homens, por outro, mesmo fisicamente convalescentes, são obrigados a nunca desistir da tarefa de ser empreendedores de si mesmos.

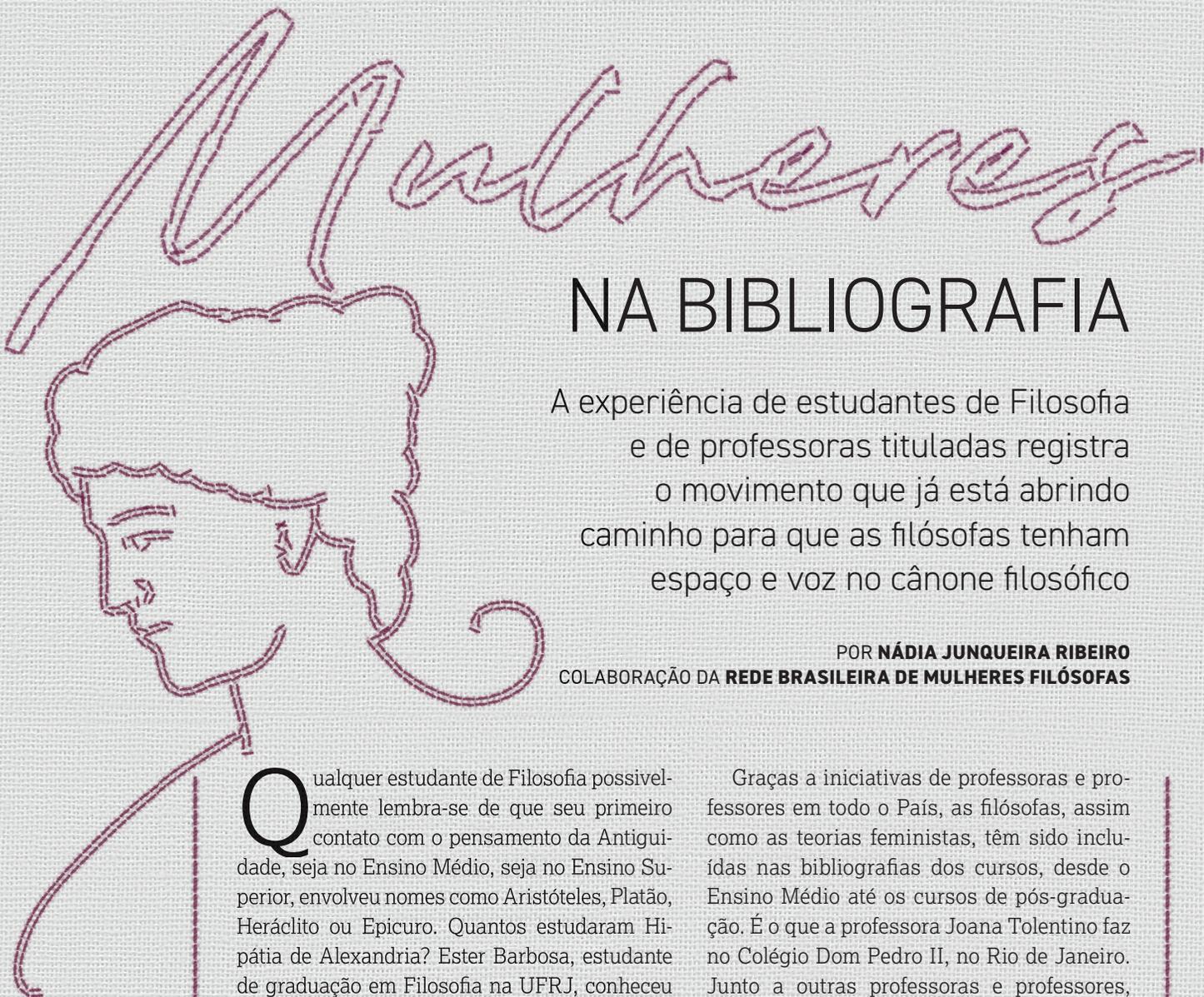
Enquanto na cena final toda a família se mobiliza para refrear o ímpeto de Ricky, assistimos perplexos ao desfecho do filme, que acaba da mesma forma que começou: sem qualquer perspectiva de mudança para aqueles trabalhadores e aquelas trabalhadoras cuja velocidade do serviço de entrega e pontualidade diminui o tempo de nossa espera à medida que dilata as diferenças entre as classes sociais. 🌿



ÉRICO ANDRADE é filósofo, psicanalista em formação, professor da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
ericoandrade@gmail.com



Título: Você não estava aqui
Diretor: Ken Loach
Gênero: Drama
Duração: 100 min



NA BIBLIOGRAFIA

A experiência de estudantes de Filosofia e de professoras tituladas registra o movimento que já está abrindo caminho para que as filósofas tenham espaço e voz no cânone filosófico

POR **NÁDIA JUNQUEIRA RIBEIRO**

COLABORAÇÃO DA **REDE BRASILEIRA DE MULHERES FILÓSOFAS**

Qualquer estudante de Filosofia possivelmente lembra-se de que seu primeiro contato com o pensamento da Antiguidade, seja no Ensino Médio, seja no Ensino Superior, envolveu nomes como Aristóteles, Platão, Heráclito ou Epicuro. Quantos estudaram Hipátia de Alexandria? Ester Barbosa, estudante de graduação em Filosofia na UFRJ, conheceu a história da filósofa da Antiguidade Tardia por conta própria, ainda no Ensino Médio. Em uma locadora de filmes, escolheu um sobre a astrônoma nascida no Egito e, desde então, seu interesse por Hipátia só cresce. Hoje, escreve uma monografia pesquisando o pensamento da filósofa. A experiência de Ester não é um caso isolado entre aqueles que estudam Filosofia. As mulheres estão à margem do cânone e não é incomum que alguém tenha formação em Filosofia, do Ensino Médio à pós-graduação, sem ter estudado uma mulher. Mas a realidade, pouco a pouco, parece mudar no Brasil.

Graças a iniciativas de professoras e professores em todo o País, as filósofas, assim como as teorias feministas, têm sido incluídas nas bibliografias dos cursos, desde o Ensino Médio até os cursos de pós-graduação. É o que a professora Joana Tolentino faz no Colégio Dom Pedro II, no Rio de Janeiro. Junto a outras professoras e professores, ela conseguiu garantir a presença de obras de mulheres filósofas que foram excluídas do cânone filosófico nas bibliografias dos três anos de Ensino Médio. O mesmo deve acontecer no curso de licenciatura em Filosofia, cuja primeira turma se inicia neste ano de 2020. “Tivemos a preocupação de fazer constar na bibliografia básica das ementas das disciplinas pelo menos a obra de uma filósofa. Acredito na potência dessas inclusões no ensino da filosofia tanto na educação básica quanto na formação de professoras/es, a fim de superar os apagamentos e seus



efeitos epistemicidas, alterando o panorama da filosofia e de seu ensino”, comenta Joana.

A muitos quilômetros dali, outra professora, Maria Cristina Longo, realiza o mesmo esforço de Joana de incluir obras de filósofas invisibilizadas no programa de pós-graduação da UFRN, em Natal. Os seus estudos, em Economia e Filosofia, voltam-se para a compreensão de questões éticas, políticas, de justiça social e felicidade humana. Ao tentar entender as causas da opressão dos seres humanos, foi inevitável que Maria Cristina se dedicasse à compreensão do machismo e do sexismo. Desde 2018, então, ela realiza o trabalho de incluir mulheres filósofas em sua bibliografia, principalmente aquelas que desenvolveram teorias feministas.

Neste caminho, a professora acabou por trazer para dentro do departamento de Filosofia o trabalho de autoras que ainda seguem à margem da área: Angela Davis e Silvia Federici. O resultado é que outras mulheres acabam trilhando o caminho que vai se abrindo. “Estou orientando uma aluna de mestrado que estuda a relação de Angela Davis com o feminismo liberal. Outras duas alunas de doutorado estudam John Stuart Mill e Marx respectivamente, mas pretendem incluir em seus trabalhos vertentes feministas ligadas a essas correntes de pensamento. No meu departamento as professoras Cinara Nahra e Monalisa Carrillo também estão fazendo isso”, diz Maria Cristina referindo-se ao exercício de ampliar o cânone e incluir mulheres nas bibliografias dos cursos.

Incômodo que transforma

Hoje Joana e Maria Cristina estudam e ensinam filósofas, mas enfrentaram um percurso de formação em que as mulheres filósofas estavam ausentes nas bibliografias e pesquisas, o que as incomodava. Maria Cristina conta que fez graduação em Economia e Filosofia, mestrado e doutorado em Filosofia e “em nenhum desses momentos da minha formação houve uma mulher na bibliografia. Lembro-me apenas de estudar mulheres como

A PROFESSORA CONTA QUE SUA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO EM FILOSOFIA FOI BASTANTE TRADICIONAL, COM UM VIÉS HISTÓRICO FORTE, RESTRITA AO CÂNONE MASCULINO E NORTECENTRADO”

comentadoras de autores, como o livro de Isabel Limongi sobre Hobbes, textos de Yara Frateschi sobre o mesmo tema ou textos de Marilena Chauí sobre Espinosa, mas mesmo como comentadoras a menção a mulheres foi muito pequena”, comenta.

Com Joana não foi diferente. A professora conta que sua experiência de formação em Filosofia foi bastante tradicional, com um viés histórico forte, restrita ao cânone masculino e nortecentrado. “Para não dizer que não estudei nenhuma filósofa na minha graduação, conseguimos, com muito esforço, que um professor com mais diálogo com os estudantes oferecesse uma eletiva sobre Hannah Arendt. Mas lembro-me do seu desconforto, uma vez que não era especialista nessa filósofa e, por isso, lecionar sobre esse recorte o constringia”, comenta.

Do incômodo e das lacunas nas formações das professoras, contudo, nasceram as mudanças. Durante os estudos para a tese de doutorado sobre ensino de filosofia, Joana passou um período pesquisando na Universidade de Buenos Aires (UBA). Ali, percebeu que o Brasil tem um cânone filosófico ainda mais excludente do que de outros países latino-americanos, como a Argentina, o que a mobilizou a fazer um projeto chamado “Dossiê filósofas”. “Terminei a tese com pouquíssimos referenciais de mulheres na



minha bibliografia e percebi que essa era a maior lacuna na minha formação, depois de todo um ciclo de graduação, mestrado e doutorado concluído. Dois meses depois, elaborei o projeto ‘Dossiê filósofas’ a fim de empreender uma pesquisa apaixonada, engajada e militante sobre as mulheres na filosofia, caminho que só me foi possível trilhar fora da academia, como autodidata”, compartilha.

Caminhos abertos

A realidade da geração de Ester, citada no início deste texto, já se mostra diferente da de Maria Cristina e Joana. Diferentemente destas, Ester teve acesso, ainda na graduação, às obras de Simone de Beauvoir, Joan Scott, María Lugones, Chantal Mouffe, Audre Lorde, Judith Butler, bell hooks e Christine de Pizan. Sarah Bonfim, mestranda da Unicamp, também faz parte da geração que tem usufruído desse caminho que se abre, pouco a pouco, por outras professoras mulheres que vieram antes. Sarah fez graduação na UFABC, onde teve contato com obras de pensadoras como Hannah Arendt, Elizabeth da Boêmia, Nancy Fraser, Seyla Benhabib e Susan Okin.

“Geralmente, quem nos apresentava as filósofas eram as professoras do curso. Em especial, lembro o meu primeiro contato com Nancy Fraser, na disciplina de Ética e Justiça, curso obrigatório do bacharelado em Ciências Humanas, com a professora Aléxia Bretas. Fiz também uma disciplina de Ética Contemporânea com a professora Nathalie Bresiani, cujas principais bibliografias eram de autoras mulheres. Outras professoras como Anastasia Itokazu, Suze Piza, Luciana Zaterka e Marília Pisani também incrementavam suas disciplinas com pensamentos não só de mulheres europeias, mas de outras nacionalidades e etnias”, comenta Sarah.

Contudo, sua pesquisa de mestrado tem como tema o pensamento de Mary Wollstonecraft, e o estudo da filósofa no Brasil, de acordo com a experiência de Sarah, é quase inexistente – ela cita apenas alguns artigos e uma tradução de Ivânia Poucinho. O caminho acadêmico de Sarah nos mostra como a presença das mulheres nos corpos docentes e nas bibliografias de curso tem mudado nos últimos

DE ACORDO COM A EXPERIÊNCIA QUE VIVEM, JOANA E MARIA CRISTINA ACREDITAM QUE O TRABALHO DE INCLUÍREM FILÓSOFAS NOS CURSOS PROVOCA UM IMPACTO SIMBÓLICO: AS MENINAS E MULHERES COMEÇAM A PERCEBER QUE ESSA ÁREA TAMBÉM É DELAS”

anos, mas ainda há obstáculos a superar. Ser autodidata ainda é uma possibilidade que muitas pesquisadoras de Filosofia encontram para estudarem filósofas. Ao ter o pensamento de Wollstonecraft como seu objeto de pesquisa, Sarah percebeu como seu trabalho ainda é solitário. A mestranda está sempre em busca de outras pesquisadoras que trabalhem a autora, aqui e fora do País.

“Comecei a procurar bibliografias *on-line*, que, em sua maioria, eram em inglês. Entrei em contato com alguns especialistas estrangeiros que me ajudaram a entender como funcionava o pensamento da filósofa inglesa. É um pensamento riquíssimo, mas em virtude da bibliografia ser em língua estrangeira e ainda não haver um grupo consolidado de estudo sobre ela, por vezes é um trabalho solitário”, comenta a pesquisadora que acabou de voltar de um estágio de pesquisa na Universidade de Notredame, onde trabalhou sob orientação de Eileen Hunt Botting, que tem alguns livros publicados sobre o estudo tanto de Mary Wollstonecraft quanto da filha da filósofa, Mary Shelley.

Na bibliografia, nos espaços

A presença das obras de filósofas nas biblio-

grafias e nas pesquisas não significa apenas uma maior visibilidade desses trabalhos que ficam à margem do cânone. Eles acabam por influenciar a maior presença das mulheres na Filosofia em si. A pesquisa publicada pela professora Carolina Araújo (UFRJ), em 2019, comprova que as mulheres são minorias na área e sua presença diminui pela metade nos estratos mais altos da carreira.

O sentimento das mulheres do ramo, indica Ester, é o de que é preciso, constantemente, provar algo. O cenário é ainda mais perverso quando consideramos outros marcadores que atravessam a área no Brasil, como raça e classe. “Eu sou a filha mais velha de uma empregada doméstica e escolhi cursar filosofia e me tornar professora no Brasil. Acho que, no mínimo, preciso provar para mim mesma que posso viver disso, além de o fazer para todo o mundo. É uma angústia constante de me perguntar se leio o bastante, se escrevo e me comunico bem, se meu trabalho é relevante. Isso é cansativo e nada saudável, mas comum, e algo que vejo acontecer com a maioria das mulheres no meio acadêmico, porém nem tanto com os homens”, desabafa.

Por outro lado, Ester reconhece que a presença de outras mulheres na área, como as professoras e colegas do projeto de extensão, faz a jornada mais leve. “Felizmente eu tenho bons modelos nos quais me inspirar e com quem conversar. Elas me trazem de volta sempre que eu me pego duvidando de mim ou do meu trabalho. Acho que o melhor de ser mulher na filosofia hoje é poder compartilhar experiências, trabalhar com outras mulheres, pesquisar sobre filósofas e isso ser reconhecido”, afirma.

Impacto simbólico

De acordo com a experiência que vivem, Joana e Maria Cristina acreditam que o trabalho de incluir filósofas nos cursos provoca um impacto simbólico: as meninas e mulheres começam a perceber que essa área também é delas. Segundo Joana, é uma experiência que pode ser entendida como atravessamento simbólico crucial para chacoalhar padrões de nossos processos de subjetivação. “Antes, a filosofia parecia restringir-se ao mundo dos ho-

mens, mas agora há a afirmação de corporalidades de mulheres sendo reconhecidas e estudadas por suas filosofias”. Associado a isso vem a abertura de novos cenários possíveis: “se há mulheres fazendo filosofia desde sempre em diferentes culturas e lugares do mundo, eu, que me identifico como mulher, também posso filosofar”, compartilha.

Maria Cristina compartilha do mesmo sentimento. Segundo a sua experiência, as alunas dizem que se sentem com mais força para estudar filosofia. “Lembro-me de uma aluna que explicitamente disse: ‘se elas conseguiram ser ouvidas e publicar livros a respeito, penso que também conseguiremos’”, conta a professora. Os alunos também são positivamente impactados nesse processo: “Eles tomam parte na discussão do tema e passam a repensar as posturas sociais e suas próprias posturas a partir da leitura de mulheres filósofas que abordam o feminismo. Em rodas de conversa sobre filósofas feministas eles repensam suas posturas, a de seus amigos e familiares sobre a questão do jugo das mulheres”, acrescenta a professora.

Ainda que se sinta um tanto solitária na sua trajetória de pesquisa, Sarah diz sentir-se no ombro de outras gigantes: “não só de grandes pensadoras, como Wollstonecraft, mas de professoras e outras colegas estudantes que vieram antes de mim e lutaram contra o preconceito e a misoginia, pavimentando o caminho”. Sarah compara seu trabalho e de outras colegas como um grande bordado. “Um grande trabalho coletivo, que envolve não apenas o trabalho prático de transpassar o tecido (cânone) com a linha (as filósofas), mas também é um trabalho afetivo, de reconhecimento de vozes apagadas e que precisam ser costuradas no grande tecido que é a filosofia. Em resumo, vejo que ser mulher na filosofia, que estuda outras mulheres, requer a paciência, a sensibilidade e o pensamento de bordadeira, cujo objetivo é o de apresentar um trabalho que não só adorne, mas também faça repensar e rever nosso lugar no mundo”. 🧶

Nádia Junqueira Ribeiro é jornalista da Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia) e doutoranda em Filosofia Política na Unicamp (Universidade Estadual de Campinas).